

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

MARCIO BALDISSERA CURE

**O CONHECIMENTO ECOLÓGICO TRADICIONAL NA POESIA
TRADICIONALISTA GAÚCHA DE JAYME CAETANO BRAUN**

**São Gabriel
2014**

MARCIO BALDISSERA CURE

**O CONHECIMENTO ECOLÓGICO TRADICIONAL NA POESIA
TRADICIONALISTA GAÚCHA DE JAYME CAETANO BRAUN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Gestão Ambiental da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Gestão Ambiental.

Orientador: Professor Dr. Rafael Cabral Cruz

**São Gabriel
2014**

MARCIO BALDISSERA CURE

**O CONHECIMENTO ECOLÓGICO TRADICIONAL NA POESIA
TRADICIONALISTA GAÚCHA DE JAYME CAETANO BRAUN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Gestão Ambiental da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Gestão Ambiental.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 19 de Março de 2014.

Banca examinadora:

Prof. DrRafael Cabral Cruz
Orientador
UNIPAMPA

Prof. DrJefferson Marçal da Rocha
UNIPAMPA

Prof. DrRubem Samuel de Ávila Jr
UNIPAMPA

Dedico este trabalho aos meus avós
CaisarAbrahimCure (*in memorian*),
NaraMazzeiCure (*in memorian*),
IlárioBaldissera e AbegairFinimundiBaldissera
(*in memorian*).

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar (e não poderia ser diferente), agradeço aos meus primeiros professores: Cesar e Nadia, meus pais, que não mediram esforços para me proporcionarem uma educação adequada desde o momento do meu nascimento. Da mesma forma agradeço aos meus avós, para quem eu dedico este trabalho, que me incentivaram a seguir o caminho dos estudos por saberem a importância da educação. Grande lástima não poder compartilhar esse momento importante com eles.

Ao meu irmão Marcelo que cresceu junto comigo, brincando e aprendendo muitas coisas juntos e que nunca mediu esforços para me ajudar sempre que precisei. Nossa convivência foi muito importante para a construção de minhas representações.

Agradeço de coração a todos os meus professores, desde o início dos meus estudos, em Porto Alegre, no Colégio Mãe de Deus e Escola Estadual de Ensino Médio Padre Reus, que contribuíram na minha formação intelectual e pessoal.

Agradeço à W. A. Mozart por me ajudar a relaxar nos momentos de estresse, contribuindo, assim, com alguns *insights* durante a realização deste trabalho.

Agradeço a todo cidadão brasileiro que paga seus impostos e torna possível um ensino público (ainda) de qualidade, mesmo que com alguma dificuldade.

Ao Paulo véio pela amizade e pelo acolhimento nas minhas idas à São Gabriel e pelas conversas filosóficas e políticas que ajudaram a esclarecer alguns conflitos. Não poderia deixar de citar, também, meus queridos colegas Anderson Lucas, Anthony Diego (Bocão), Alex Cesar e Ariane Prestes que com discussões, muitas vezes árduas, contribuíram para a minha reflexão e reformulação de ideias, assim como foram meus companheiros desde o início da faculdade.

Agradeço aos amigos Cristian Pacheco, por me acolher em sua casa nas minhas idas à São Gabriel durante o último semestre, aos colegas Laís, Francis, Rodrigo Muller e Djulia Ziemann pela parceria e camaradagem demonstrada.

Agradeço a todos os meus professores da UNIPAMPA que estavam preocupados com a qualidade da formação dos acadêmicos e se mostraram dedicados na arte de ensinar, especialmente ao Professor Rafael que contribuiu enormemente com a minha formação e fez possível, com suas sugestões de leitura e orientação precisa, a realização deste trabalho (e de outros futuros, certamente). Ao Professor Jefferson pelas boas discussões em sala de aula. Destaco também os agradecimentos às Professoras Beatriz e Luciana que me deram um grande apoio nesta reta final de minha graduação. Ao Professor Sérgio pelo seu tempo “perdido”.

Agradeço à Amanda, minha alma gêmea, pela paciência nos momentos em que estive ausente para a conclusão da minha graduação e pelo amor, apoio e parceria demonstrada.

A todos o meu sincero muito obrigado.

“Ó alegria de minha alma! Caso viesse sempre depois da tempestade semelhante bonança, poderiam soprar os ventos de acordar a morte. Que o meu barquinho escale montes de água tão altos quanto o Olimpo e, após, afunde tanto quanto distar do céu o inferno. A morte, agora, para mim seria uma felicidade, pois tão grande é a ventura que da alma se me apossa, que não pode, receio-o, reservar-me outra igual o futuro nebuloso.”

William Shakespeare, Otelo, Ato II, Cena I.

RESUMO

A descaracterização do Bioma Pampa está atrelada aos elementos da cultura dominante que se alastram descontroladamente nas sociedades modernas e tem causado preocupação, principalmente nos meios acadêmicos. O ser humano é um ser natural, sendo assim, ele faz parte da natureza, influenciando e sendo influenciado por seu meio. Por intermédio dos mitos o conjunto de conhecimentos necessários para a sobrevivência das sociedades é transmitido de geração para geração, evoluindo com a transformação de seus significados. Busca-se, neste trabalho, captar a relação do ser humano com a natureza e a percepção dos elementos da paisagem e suas interações com as práticas sociais na poesia tradicionalista Gaúcha de Jayme Caetano Braun, visando a gestão e a educação ambiental. Para isso, utilizou-se de metodologia baseada na análise do discurso de Foucault, Bardin e Fairclough. Foi usada a técnica de categorização e subcategorização das ideias para organização dos dados. A ordenação e a análise de agrupamento foram as técnicas de análise multivariada utilizadas como subsídio para a interpretação desses dados. Concluiu-se que a percepção do ser humano acerca dos elementos da paisagem influencia nos seus mitos e conseqüentemente nas práticas sociais e de manejo dos recursos. Estes mitos são fonte de valioso teor informacional para o incremento da educação ambiental.

Palavras-Chave: Conhecimento Ecológico Tradicional, Análise de Discurso, Educação ambiental, Jayme Caetano Braun, Cultura Tradicional Gaúcha.

ABSTRACT

The mischaracterization of Pampa Biome is linked to elements of the dominant culture that spread wildly in modern societies and has raised concerns, especially in academia. Man is a natural being, so he is part of nature, influencing and being influenced by their environment. Through myths, the body of knowledge necessary for the survival of societies is transmitted from generation to generation, evolving with the transformation of their meanings. The search, in this work, capture the relationship of humans with nature and perception of landscape elements and their interactions with social practices in the traditionalist poetry Gaucha by Jayme Caetano Braun, aimed at management and environmental education. For this, we used based on discourse analysis of Foucault, Bardin and Fairclough methodology. The technique of categorization and sub-categorization of ideas for organizing the data was

used. The sorting and cluster analysis were used multivariate analysis techniques as an aid to the interpretation of such data. It was concluded that the perception of human being about the elements of the landscape influences in their myths and consequently in social practices and resource management. These myths are a source of valuable informational content to increase environmental education.

Keywords: Traditional Ecological Knowledge, Discourse analysis, Environmental Education, Jayme Caetano Braun, Gaúcho Tradicional Culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –Categorias primárias e secundárias	15
--	----

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 –Frequência das categorias primárias por faixa do álbum.....	16
Quadro 2 –Similaridade entre a ocorrência das categorias primárias utilizando-se a distância Euclidiana.....	16
Quadro 3 –Correlação entre as ocorrências das categorias.....	18
Tabela 1 –ACP: Autovalores e porcentagem de explicação dos dados.....	18

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Análise de Agrupamento utilizando-se o coeficiente de correlação entre as categorias primárias.....	17
Gráfico 2 - ScreePlot gerado no Past (HAMMER et al, 2001) com o Broken Stick (linha vermelha).....	19
Gráfico 3 -PC 1 x PC 2.....	20
Gráfico 4 - PC 2 x PC 3.....	20

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Mitos ou Verdades: O discurso e suas características.....	10
1.2 A cultura Riograndense	13
1.3 A arte e a educação ambiental.....	13
2 MATERIAIS E MÉTODOS	14
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES	16
3.1 Apresentação da análise das letras com as distribuições das categorias primárias e secundárias por faixa.	16
3.1.1 Frequências das categorias primárias	16
3.2 Análise estatística dos dados.....	16
3.2.1 Matriz de similaridade entre as categorias primárias.....	16
3.2.2 Análise de agrupamento.....	17
3.2.3 Matriz de similaridade utilizando-se o índice de correlação entre as categorias ...	18
3.2.4 Ordenação	18
3.2.4.1 Análise de Componentes Principais.....	18
4 CONCLUSÕES.....	22
REFERÊNCIAS	24
APÊNDICE A – Mapa conceitual da construção da cultura a partir da percepção e interação com o meio, influenciada pela própria cultura, pela criatividade e imaginação	25
APÊNDICE B – Proposta de Sistema de Educação Ambiental	26
APÊNDICE C – Categorias primárias e secundárias	27
APÊNDICE D - Letras das faixas categorizadas.....	28
APÊNDICE E – Quadro de ocorrência da frequência das categorias por faixa do Álbum.....	51

1. Introdução

As diversas culturas ao redor do mundo constroem, através de seus mitos, das observações e experiências, conhecimento sobre o seu meio e práticas tradicionais originadas da necessidade de manejar os recursos naturais para a sobrevivência. Para Nietzsche (2008) a cultura verdadeira retrata a realidade e se utiliza de instrumentos como a observação e o senso crítico. Segundo nos traz Geertz (2008, p. 10), "a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível".

O ser humano, por fazer parte da natureza, mantém uma relação de interdependência com a mesma. Para Navehet al. (2001), o homem interage com a paisagem influenciando e sendo influenciado por ela. O autor chama esse complexo nível de integração de Ecosistema Total Humano (ETH). O ser humano percebe o ambiente ao interagir com ele. As interações são fonte de conhecimento que pode ser adquirido pela experiência. Esse conhecimento, por ser fonte de informação importante para a sobrevivência da sociedade em questão, é passado de geração para geração e é, em muitos casos, de conhecimento comum. As representações sociais podem ser descritas, segundo Reigota (2002), como conhecimentos e práticas de senso comum. Segundo o autor, as representações sociais são atribuídas às pessoas que não circulam nas comunidades científicas, embora, da mesma forma, estejam aí presentes. Para a construção de uma representação social, é preciso perceber o objeto e suas interações com os elementos do entorno. Essa forma de conhecimento, quando relacionado com os processos ecológicos, é chamada de conhecimento ecológico tradicional (CET) (HANAZAKI, 2003).

Há grande preocupação, principalmente na comunidade acadêmica, no que diz respeito às práticas agrossilvipastoris realizadas no Bioma Pampa. Essas práticas, por priorizarem o retorno econômico imediatista, têm causado sérias alterações nas paisagens, esgotamento dos solos, perda da biodiversidade, gasto de energia fóssil, elevado transporte de nutrientes, graves danos aos recursos hídricos, no que se refere à quantidade e qualidade da água e, conseqüentemente, traz prejuízo à sustentabilidade dos serviços ambientais.

A produção agrícola no estado do Rio Grande do Sul tem se tornado maior a cada ano, aumentando, assim, a área agricultável em função do "descampamento" da paisagem natural. Essa relação evidencia que o agronegócio não se forja por meio de uma lógica sustentável, pois visa a maior produtividade e o crescimento econômico sem limites. Sobram exemplos, na natureza, que demonstram que todo o crescimento descontrolado tem como consequência o

colapso dos sistemas (LUTZEMBERGER, 1976). Por isso, é necessário que a parcela esclarecida da população humana aja como uma força reguladora em busca da homeorresis, vindo a frear o crescimento econômico que está longe de ser sustentável.

Com o intuito de contribuir com a reversão do quadro que conduz ao insucesso precoce da investida humana em perpetuar-se no tempo, buscam-se mecanismos desesperados no que diz respeito à educação ambiental. A educação ambiental é a única força capaz de direcionar a uma cultura que cumpra sua função de aliar o ser humano à natureza, fazendo-o caminhar de mãos dadas com ela e não a correr sozinho em direção ao abismo.

A música tradicionalista gaúcha é conhecida por retratar eventos cotidianos na lida de campo e, muitas vezes, descreve, com linguagem poética, o conhecimento ecológico dos povos tradicionais do Rio Grande do Sul.

Busca-se, neste estudo, através da análise da poesia tradicionalista gaúcha de Jayme Caetano Braun, contida nas quinze faixas do Álbum Paisagens Perdidas, captar a relação do ser humano com a natureza e a percepção dos elementos da paisagem e suas interações com as práticas sociais presentes no discurso do poeta. O CET pode ser, em alguns casos, produto do significado contido na poesia que se faz mito. Esse conhecimento pode ser suporte para gestão e educação ambiental no seu sentido amplo, incluindo a participação dos cidadãos nas discussões e decisões acerca do meio ambiente (REIGOTA, 2002). Pode ser material de referência, também, para planos de manejo dos recursos naturais, resgate cultural e mudança cultural, num sentido que objetive a sustentabilidade das ações humanas e a preservação da biodiversidade.

1.1. Mitos ou Verdades? O discurso e suas características.

Os mitos são histórias transmitidas através das gerações cuja finalidade é dar sustentação à vida humana (CAMPBELL, 1987). Essas histórias ajudaram a formar civilizações e contribuíram para a padronização de procedimentos importantes para cada sociedade que as herdou. Um exemplo de mitologia é a que se encontra na Bíblia e é usada até os dias atuais para nortear o comportamento de um determinado grupo de indivíduos. Uma prática cultural importante são os rituais, que reproduzem e dão significado aos mecanismos da natureza importantes para o ser humano. Essas práticas ritualísticas inserem o homem no contexto natural em que vivem e buscam a harmonia entre a vida e a realidade.

O uso da mitologia, que se baseia em experiências e conhecimentos adquiridos por diversas gerações, depende da interpretação da linguagem usada para transmitir o significado intrínseco da mensagem. Fairclough (2004) define os discursos como sendo meios de

representar os aspectos do mundo. Michel Foucault, segundo Fruchaud e Foucault (2011), salienta que o **verdadeiro discurso**, sem os disfarces dados a ele pelos mecanismos de controle do discurso presentes na sociedade, encerra em seu conteúdo a informação necessária para entendimento da natureza e procedimentos essenciais para a manutenção dos grupos humanos e da vida.

A necessidade humana de investigar o desconhecido fez o ser humano buscar entender e explicar os processos naturais. Essa vontade de verdade, como chama Foucault (FRUCHAUD E FOUCAULT, 2011), acarretou em uma perda de significado das conotações presentes nos elementos culturais como mitos e rituais.

Fairclough (2004) reforça que os discursos são moldados pelas práticas e estruturas sociais, assim como por seus agentes. O autor liga as suposições, em uma análise de discurso, com os elementos intertextuais. Para Bardin (1977, p. 28),

apelar para estes instrumentos de investigação laboriosa de documentos é (...) tornar-se desconfiado relativamente aos pressupostos, lutar contra a evidência do saber subjetivo, destruir a intuição em proveito do construído, rejeitar a tentação da sociologia ingênua, que acredita poder apreender intuitivamente as significações dos protagonistas sociais, mas que somente atinge a projeção da sua própria subjetividade.

O que é dito ou escrito transmite uma mensagem indiretamente através das palavras (ou símbolos) usadas para transmitir a informação. Fairclough (2004) ressalta, ainda, que as transformações causadas na sociedade pela globalização e pelas reestruturações provenientes das práticas capitalistas da atualidade não podem ser ignoradas nas pesquisas envolvendo seres humanos. Essas transformações têm causado mudanças nas formas de ação e interação das redes de práticas da sociedade (FAIRCLOUGH, 2004). Soares (2004) aponta que "os meios de comunicação de massa separam os produtos culturais por seu valor de mercado", caracterizando a cultura em torno de conceitos como lazer e diversão, de forma que a criatividade, observação, reflexão e crítica tem valor diminuído. Há, portanto, uma ruptura no processo de interação do homem com o seu meio. A inadequabilidade da cultura é causa de doenças sociais que podem ser fatais pra o futuro das sociedades.

A análise do discurso, por se apropriar de um campo teórico transdisciplinar (PAGANO E MAGALHÃES, 2005), se atém à análise intertextual, buscando significados socioculturais, onde fica evidenciado o papel da linguagem e das representações culturais. Esta análise possibilita desnudar o real significado por trás da maquiagem linguística que o envolve. A abstração é uma ferramenta importante na análise de discurso, pois, segundo

Fairclough (2004), deve-se buscar descrever os eventos com um alto grau de abstração, propiciando, assim, um melhor entendimento. Geertz (2008, p. 14) ainda chama atenção que

a análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjeturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjeturas e não a descoberta do Continente dos Significados e o mapeamento da sua paisagem incorpórea.

Para o autor (GEERTZ, 2008), nossa percepção sobre os sistemas simbólicos de outros povos deve ser orientada pela observação de suas ações. Geertz (2008, p. 14) nos traz "que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu" e, para ele, essas teias são as culturas e os seus significados podem ser traduzidos. O ambiente cultural é construído por meio de, nas palavras de Geertz (2008, p. 14), "expressões sociais enigmáticas" que buscam, no âmago de suas entranhas, os significados dos processos naturais, como o devir do homem, construindo, dessa forma, a harmonia entre os processos naturais e a existência humana.

Soares (2004, p. 9) nos ensina que

a compreensão de determinada realidade depende da identificação da sua produção cultural delimitada no tempo e no espaço, bem como do pensar sobre conceitos que envolvem tanto o universo da produção da vida material, como o da construção de emblemas que expressam pensamentos, sentimentos e valores.

As características que dão a ideia de ciclos dentro dos processos causais, evidenciados nos elementos culturais e comportamentais, também dão o mesmo sentido ao uso dos conhecimentos sobre esses processos (LAMBERT E LAMBERT, 1966). Um trecho escrito por Confúcio, mais ou menos no ano de 500 antes de Cristo, é usado por Lambert e Lambert (1966, p. 170) para melhor visualização do exposto anteriormente:

Os antigos que desejavam ilustrar a suprema virtude em todo o império primeiro ordenavam bem seus próprios Estados. Desejando ordenar bem seus próprios estados, primeiro regulavam suas famílias. Desejando regular suas famílias, primeiro cultivavam seus próprios eus. Desejando cultivar seus próprios eus, primeiro corrigiam seus corações. Desejando corrigir seus corações, primeiro procuravam ser sinceros em seus pensamentos. Desejando ser sinceros em seus pensamentos, primeiro ampliavam ao máximo sua sabedoria. Tal ampliação do saber reside na investigação das coisas.

Sendo as coisas investigadas, o saber se torna completo. Sendo o saber completo, seus pensamentos eram sinceros. Sendo os pensamentos sinceros, seus corações eram então corrigidos. Com os corações corrigidos, seus próprios eus estavam cultivados. Com seus próprios eus cultivados, suas famílias ficavam reguladas. Estando as famílias reguladas, seus estados eram corretamente governados. Sendo os estados corretamente governados, todo o império estava tranquilo e feliz.

Para Eco (1991), os textos não tem apenas a finalidade de comunicar algo, mas sim de questionar o sistema de significações dos elementos que o geraram, pois produz significados encontrados apenas na intertextualidade. A significação literal (denotativa) é vazia e rígida e é substituída por conotações que dão um sentido mais abrangente e diverso às mensagens.

1.2.A cultura Riograndense

O Brasil abrange uma diversidade cultural muito grande em função do seu amplo espaço territorial multi-diverso. Essa diversidade é refletida nas diferentes práticas rituais, musicais, linguísticas, etc.

O estado do Rio Grande do Sul, situado no extremo sul do Brasil, apresenta características climáticas, vegetacionais, faunísticas, históricas e geográficas que influenciaram na cultura, conhecimentos e práticas tradicionais do povo local. Cruz e Guadagnin (2012) ressaltam que a cultura do Gaúcho se formou em função das características do bioma Pampa e das práticas agropecuárias realizadas na região.

A região de vegetação campestre, na metade sul do Rio Grande do Sul, chamada de Bioma Pampa, abriga uma vasta biodiversidade (OVERBECK et al., 2009). Essa biodiversidade coevoluiu por cerca de treze mil anos com a cultura do Gaúcho (CRUZ E GUADAGNIN, 2012), criando, assim, uma identidade com a terra e conhecimento do seu funcionamento.

Segundo Pillar et al. (2009), a biodiversidade e as práticas sustentáveis realizadas nos campos sulinos ainda são pouco conhecidas pela sociedade. A pecuária, segundo os autores, se manejada adequadamente, pode manter a integridade dos ecossistemas campestres, vindo a contribuir positivamente com os serviços ambientais. Entretanto, práticas de produção economicamente imediatistas vem tomando lugar das práticas tradicionais (OVERBECK et al., 2009).

1.3. A arte e a educação ambiental

A educação ambiental deve romper os paradigmas e transformar em diálogo aberto, como cita Reigota (2002), o rígido sistema educacional cheio de regras e de vícios. Reigota (2002) chama a atenção para o fato de que a educação ambiental não pode se ater apenas à prática pedagógica tradicional da transmissão do conhecimento. A educação ambiental deve buscar o entrosamento do ser humano com seu ambiente natural e a vivência de práticas tradicionais que continuam exercendo uma influência de grave importância para a manutenção das sociedades e manejo dos recursos naturais.

Os elementos culturais, como a música, práticas tradicionais, a literatura, as histórias e toda forma de arte e saber devem ser incorporados às práticas educacionais fora (também) dos ambientes escolares. A discussão entre os diferentes pontos de vista e a percepção dos distintos referenciais tomados pelos seres humanos deveriam ocupar um pouco do espaço dominado pelo rígido pensamento científico clássico, abrindo, assim, espaço para a multiplicidade dos significados e suas verdades. Esses significados são construídos através dos órgãos dos sentidos, sofrendo influências de diferentes representações e de diferentes momentos históricos.

2. Materiais e Métodos

Foi utilizado, como fonte de dados para a presente pesquisa, o álbum Paisagens Perdidas, de Jayme Caetano Braun. Este álbum conta com quinze faixas onde o autor recita sua poesia que, com a linguagem tradicional do gaúcho fronteiro, retrata a vida no campo e faz reflexões acerca dos processos da natureza e da inserção do homem em seu ambiente natural e cultural.

A análise de discurso, por estar na interface entre várias disciplinas e por tentar traduzir o significado mais profundo do conteúdo analisado, busca uma mescla entre a abordagem qualitativa e a quantitativa. Bardin (1977) explica que

Na análise quantitativa, o que serve de informação é a *frequência* com que surgem certas características do conteúdo. Na análise qualitativa é a *presença* ou *ausência* de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração.

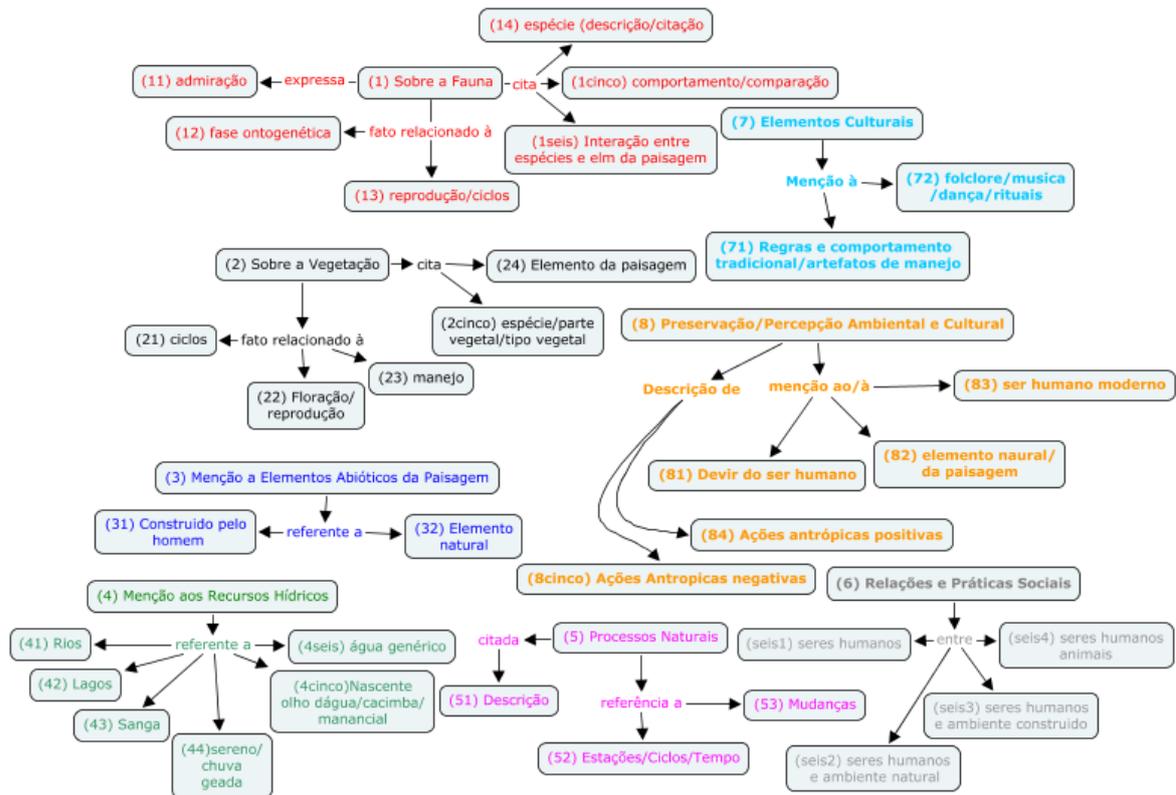
Com a finalidade de nortear a interpretação qualitativa, buscou-se utilizar metodologias baseadas nas literaturas sobre análise de discurso (BARDIN, 1977; FRUCHAUD E FOUCAULT, 2011; FAIRCLOUGH, 2004; FOUCAULT, 2008; PAGANO E MAGALHÃES, 2005).

Buscando fugir do idealismo e de suas armadilhas às interpretações subjetivas, definiu-se um sistema de categorização. A análise categorial foi usada no sentido de classificar as diferentes ideias em categorias (Apêndice C e Figura 1), de forma que, como disse Bardin (1977), se possa "introduzir uma ordem, segundo certos critérios, na desordem aparente". Na busca do contexto do qual se refere Geertz (2008, p.10) buscou-se a escolha das categorias presentes no ambiente, às quais o homem percebe e interage, para atingir o verdadeiro discurso através da análise do discurso. Essa classificação inicial separou as sentenças existentes nas letras em oito categorias: (1) Relacionada à fauna que inclui citações,

comportamentos, comparações, reprodução e outros; (2) relacionada à vegetação, onde pode-se encontrar citações, observações sobre floração, ciclos, entre outros; (3) relacionada aos elementos abióticos da paisagem, como citações das paisagens campeiras, várzeas, elementos da paisagens construídos, etc; (4) relacionada aos recursos hídricos, como rios, lagos, sangas, chuva, orvalho e similares; (5) relacionada aos processos naturais, como estações e o tempo e evolução; (6) relacionada às relações e práticas sociais; (7) relacionada aos elementos culturais como artefatos e crenças; e (8) relacionada à preservação/percepção ambiental e cultural, assim como ao devir do homem. Ainda na fase de categorização, a fim de minuciar a classificação dando maior objetividade na descrição e precisão na interpretação, dentro de cada categoria das citadas anteriormente (categoria primária), foi feita uma subcategorização (categoria secundária), que especifica à que se refere cada uma das sentenças dentro das categorias primárias (Apêndice I e Figura 1). Este artifício permitiu dar maior flexibilidade e amplitude de escolha na categorização e subsídio à interpretação qualitativa.

A análise quantitativa serviu para investigar a correlação entre a frequência de ocorrência dessas ideias, o significado no contexto local e o seu nível de importância ecológica. O software utilizado para a análise multivariada dos dados foi o Past (HAMMER et al., 2001). Foi realizada a ordenação dos dados através da Análise de Componentes Principais e foi feita a análise de agrupamento com a utilização do índice de correlação com a finalidade de subsidiar a interpretação dos dados.

Figura 1: Categorias primárias e secundárias.



Fonte: Autor.

3. Resultados e Discussões

3.1. Apresentação da análise das letras com as distribuições das categorias primárias e secundárias por faixa.

Vide Apêndice II e III.

3.1.1. Frequência das categorias primárias.

Quadro 1: Frequências das categorias primárias por faixa do álbum.

Categoria/Faixa	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	Total
1	23	1	15	3	1	14	11	3	15	3	5	14	3	0	4	115
2	7	5	4	3	0	6	1	0	1	2	4	3	3	1	0	40
3	8	7	20	2	0	1	3	1	1	1	2	5	0	1	0	52
4	2	5	2	1	0	5	2	1	1	0	1	1	0	0	3	24
5	19	7	2	1	16	3	5	0	0	8	1	3	0	2	0	67
6	2	0	18	0	0	0	1	0	0	0	0	0	3	0	0	24
7	2	5	16	11	10	22	4	6	3	4	2	9	15	5	7	121

8	11	3	5	4	18	1	3	1	0	0	0	0	1	0	2	49
----------	----	---	---	---	----	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Fonte: Autor.

O quadro 1 apresenta a frequência de ocorrência das categorias primárias que se apresentam ao longo do texto. Este quadro de frequência serviu de base para a geração da matriz de similaridade e posterior análise estatística dos dados.

3.2. Análise estatística dos dados

3.2.1. Matriz de similaridade entre as categorias primárias

Quadro 2: Similaridade entre a ocorrência das categorias primárias utilizando-se a distância Euclidiana.

	1	2	3	4	5	6	7	8
1	0	30,05	29	34,598	32,125	35,171	32,894	35,185
2	30,05	0	17,607	8,4853	22,204	17,944	29,85	20,372
3	29	17,607	0	20,248	27,695	11,832	31,984	24,799
4	34,598	8,4853	20,248	0	25,397	18,166	32,634	21,19
5	32,125	22,204	27,695	25,397	0	31,032	36,986	13,928
6	35,171	17,944	11,832	18,166	31,032	0	33,272	24,759
7	32,894	29,85	31,984	32,634	36,986	33,272	0	33,793
8	35,185	20,372	24,799	21,19	13,928	24,759	33,793	0

Fonte: Autor.

A matriz de similaridade entre as categorias primárias (Quadro 2) foi usada para melhor visualizar as relações de ocorrência das categorias dentro do texto, auxiliando, assim, na interpretação.

3.2.2. Análise de Agrupamento

Gráfico 1: Análise de Agrupamento utilizando-se o coeficiente de correlação entre as categorias primárias.

O segundo grupo se constituiu da fauna (1) e da flora (2) e este, aparece relacionado com o grupo ao lado que representa os recursos hídricos (4), desde a precipitação, o orvalho, rios, nascentes e sangas. A ligação entre a vida e a água pode ser claramente percebida.

O último grupo é o 7, se refere aos elementos culturais. Este grupo se associa de forma evidente aos dois últimos grupos anteriores. Com esta correlação pode-se inferir que os elementos culturais estão estreitamente ligados e são influenciados pelos elementos como fauna, flora, recursos hídricos e paisagem, seja natural ou construída.

3.2.3. Matriz de similaridade utilizando-se o índice de correlação entre as categorias.

Quadro 3: Correlação entre as ocorrências das categorias.

	1	2	3	4	5	6	7	8
1	1	0,52756	0,48147	0,25467	0,25514	0,33447	0,073986	0,094203
2	0,52756	1	0,45811	0,50922	0,29668	0,22203	0,24982	0,034191
3	0,48147	0,45811	1	0,24939	0,13004	0,87698	0,17551	0,15925
4	0,25467	0,50922	0,24939	1	-0,001483	0,033919	0,27987	-0,081832
5	0,25514	0,29668	0,13004	-0,001483	1	-0,074076	-0,22421	0,80369
6	0,33447	0,22203	0,87698	0,033919	-0,074076	1	0,39076	0,12213
7	0,073986	0,24982	0,17551	0,27987	-0,22421	0,39076	1	0,036089
8	0,094203	0,034191	0,15925	-0,081832	0,80369	0,12213	0,036089	1

Fonte: Autor.

A matriz de correlação entre as categorias primárias (Quadro 3) serviu de base mais sólida para interpretação dos dados, descrevendo em forma de quadro o exposto na análise de agrupamento. Esta foi a matriz base para a ordenação através da análise de componentes principais.

3.2.4. Ordenação

3.2.4.1. Análise de Componentes Principais (ACP)

Tabela 1: ACP: Autovalores e porcentagem de explicação dos dados.

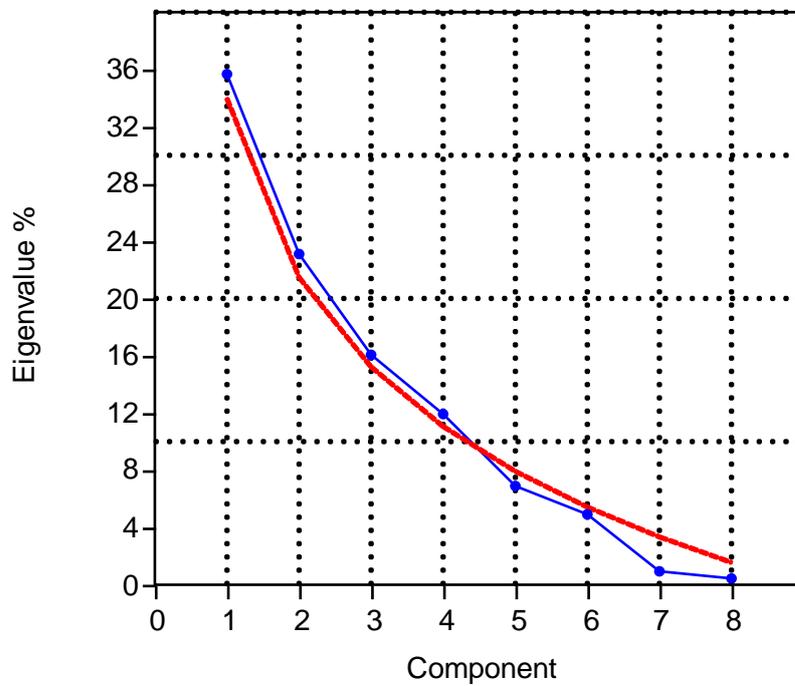
PC	Eigenvalue	% variance
1	2,85439	35,68
2	1,84843	23,105
3	1,28529	16,066
4	0,954599	11,932
5	0,552612	6,9077
6	0,393975	4,9247
7	0,0754307	0,94288
8	0,035275	0,44094

Fonte: Autor.

Pela análise dos autovalores fornecidos pelo Past (HAMMER et al, 2001) (Tabela 1), seguindo a regra dos autovalores maiores que 1, temos que os componentes principais (PC) que poderiam ser utilizados na análise são os três primeiros, embora o quarto seja bem

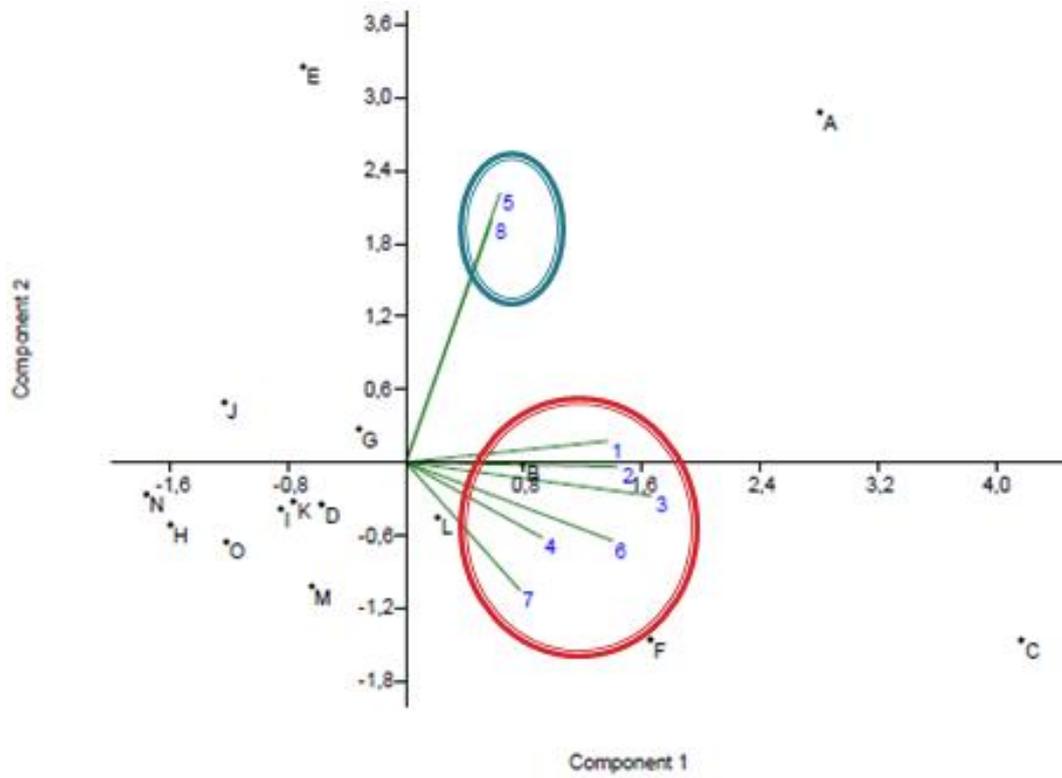
próximo de 1. Resolveu-se, neste estudo, utilizar-se dos três primeiros componentes principais em função da porcentagem de explicação dos dados (~74%) ser suficiente. Dessa forma, há possibilidade de descartar o quarto PC, que contribuiria com 11,93% da explicação dos dados. Esta decisão vai de encontro com o apresentado pela curva do Broken Stick que corta o gráfico do ScreePlot abaixo do quarto PC (Gráfico 2).

Gráfico 2: Scree Plot gerado no Past (HAMMER et al, 2001) com o Broken Stick (linhavermelha).



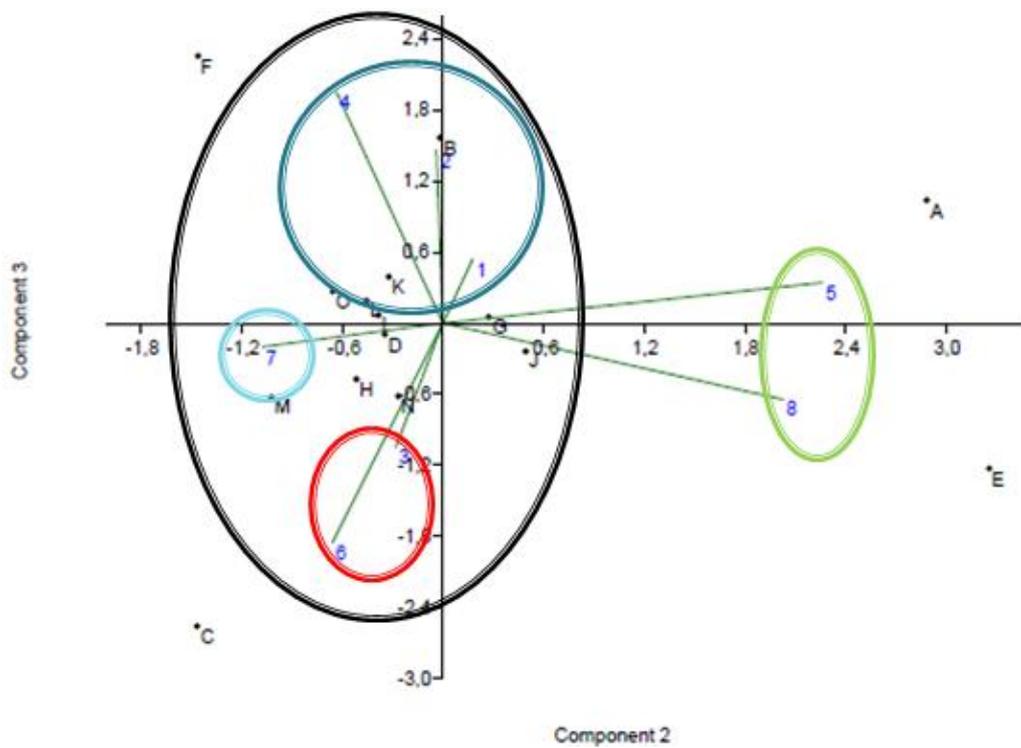
Fonte: Autor

Gráfico 3: PC 1 x PC 2



Fonte: Autor.

Gráfico 4: PC 2 x PC 3



Fonte: Autor

A categoria mais frequente, conforme o quadro de frequências (Quadro 1), se refere à elementos culturais como artefatos de manejo e práticas tradicionais, assim como a elementos folclóricos, música, dança e rituais. Essa categoria aparece, como explicitado no Quadro 2, associada à categoria 1, referente à fauna. Essas referências relativas à fauna são feitas através da citação de espécies e de comparações e analogias do comportamento humano com os animais não humanos. São citados, também, observações sobre o comportamento de animais utilizados pelo homem no trabalho diário no campo e em atividades tradicionais como rodeios, assim como de animais selvagens nos seus habitats naturais ou antrópicos.

No Gráfico 1 e Quadro 2, podemos perceber a correlação existente entre as citações referentes aos ciclos, estações do ano e ao tempo com as percepções do poeta, principalmente no que diz respeito ao devir do ser humano e às ações antrópicas negativas (grupo formado pelas categorias 5 e 8). Podemos perceber também a forte correlação entre as ideias atinentes às práticas sociais e tradicionais (6) com a paisagem (3). Begon et al (2006) ao falarem do Pampa da América do Sul, citam a importância do pastejo e pisoteio para manter as características próprias do bioma e ainda chamam atenção que este, de todos os biomas, é o mais usado e transformado pelas atividades antrópicas, o que têm levado às mudanças culturais e comportamentais do Gaúcho.

Pela ACP expressa nos gráficos do Scatterdiagram (Gráficos 3 e 4) pode-se, mais uma vez, perceber uma forte relação entre as categorias 5 e 8, assim como das categorias 3 e 6 (Gráficos 3 e 4).

Considerações Finais

A cultura emerge da combinação do conceito de representação social com a imaginação e criatividade humana (Apêndice A). Podemos inferir que as interações ecológicas que envolvem o ser humano estão diretamente ligadas à construção dos elementos culturais. A globalização da cultura não é uma alternativa consonante com a sustentabilidade, pois as culturas, para poderem desempenhar seu papel verdadeiro, devem ser moldadas e influenciadas pelos elementos e características locais da paisagem (Apêndice A).

Elementos culturais como a arte (teatro, cinema, música) espelham a realidade das sociedades. Quando há um reconhecimento da essência motivadora de determinada obra em um determinado tempo e esta pode ser relacionada com o momento histórico, há uma relação entre o momento histórico presente e o da criação da obra. A obra pode ser considerada mito quando reflete a realidade e cumpre uma função de manutenção de práticas e costumes importantes para a conservação do ambiente e da sociedade com suas práticas. Além disso, para a identificação dos mitos verdadeiros, deve haver a reflexão e comparação dos conhecimentos tradicionais e das práticas atuais.

Braun cita, frequentemente, a preocupação com a perda da biodiversidade, a transformação da cultura e a modificação da paisagem do Pampa, assim como a literatura científica acerca do Bioma Pampa como em, por exemplo, Pillar et al. (2009). Esse fato nos mostra, assim como a comparação com outras referências científicas, que o que é cantado pela cultura tradicional reforça ou complementa o conhecimento científico existente.

O conhecimento ecológico tradicional pode servir de referência para nortear as ações do ser humano. Os mitos podem instigar o pensamento através de suas metáforas e de seus significados próximos de descrever a realidade do dia a dia. Os elementos culturais devem ser vivenciados e associados com a realidade. A inclusão da sociedade, que vive a realidade atual com suas contradições e conflitos, no processo de educação ambiental é de suma importância para o enriquecimento da qualidade das informações. Esta inclusão acarretará no desenvolvimento do pensamento crítico através da discussão entre diferentes pontos de vista. As reflexões e associações acerca dos elementos culturais contribuem enormemente com a sustentabilidade e com ações para a construção de uma sociedade mais justa e saudável, garantindo, assim, uma melhor qualidade de vida. Foi proposto o caminho para uma educação ambiental que instiga a observação e a reflexão através da vivência da realidade e da associação com os elementos culturais (Apêndice B).

REFERÊNCIAS

BARDIN, L; **Análise de conteúdo**. Lisboa.Edições 70.1977.

BEGON, M.; HARPER, J.L.; TOWNSEND, C. R. **Ecology: from individuals to ecosystems**. 4 ed. London: Blackwell Publishing. 2006.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**.26ª Edição Editora Palas Athenas. 2008.

CRUZ, R.C., GUADAGNIN, D.L., Uma pequena história ambiental do Pampa: proposta de uma abordagem baseada na relação entre perturbação e mudança. **A sustentabilidade da Região da Campanha-RS: Práticas e teorias a respeito das relações entre ambiente, sociedade, cultura e políticas públicas**.Santa Maria: UFSM, p. 155-179; 2012.

ECO, U.;**Semiótica e Filosofia da Linguagem**. Editora Ática SA. São Paulo. 1991.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse: Textual analysis for social research**. Taylor & Francis Group. 2004.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª Ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2008.

FRUCHAUD, F., FOUCAULT, D. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Sampaio, L. F. A (tradução). 21ª Ed.Edições Loyola. São Paulo. 2011.

GEERTZ, C.; **A interpretação das culturas**. 1ª Ed. LTC. Rio de Janeiro. 2008.

HAMMER, Ø.; HARPER, D. A. T.; RYAN, P. D.; PAST: Paleontological Statistics Software Package for Education and Data Analysis. **PalaentologiaElectronica** 4(1): 9pp, 2001.

HANAZAKI, N.; Comunidades, conservação e manejo: o papel do conhecimento ecológico local. **Biotemas**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 23-47, 2003.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Curso de psicologia moderna: Psicologia Social**. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1966.

LUTZEMBERGER, J.A. **Fim do Futuro? Manifesto Ecológico Brasileiro**. Editora Movimento, Vol 12. 1976.

NIETZSCHE, F. W.; **Da utilidade e do inconveniente da história para a vida**. Col Grandes Obras do Pensamento Universal. Tradução de BRAGA, A. C.; MIORANZA, C. Editora Escala. 2008.

NAVEH, Z.; LIEBERMAN, A.S.; SARMIENTO, F.O.; GHERSA, C.M. & LEÓN, R.J.C. **Ecologia de Paisajes**. Buenos Aires: Editorial Facultad Agronomía, Universidad de Buenos Aires. 2001.

OVERBECK, G. E.; MÜLLER, S. C.; FIDELIS, A.; PFADENHAUER, J.; PILLAR, V. de P.; BLANCO, C. C.; BOLDRINI, I. I.; BOTH, R.; FORNECK, E. D. Os Campos Sulinos: um bioma negligenciado. (in) PILLAR, V. P. P.; MULLER, S. C.; CASTILHOS, Z. M. S.; JACQUES, A. V. A. (Editores). **Campos Sulinos: conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: MMA. 2009.

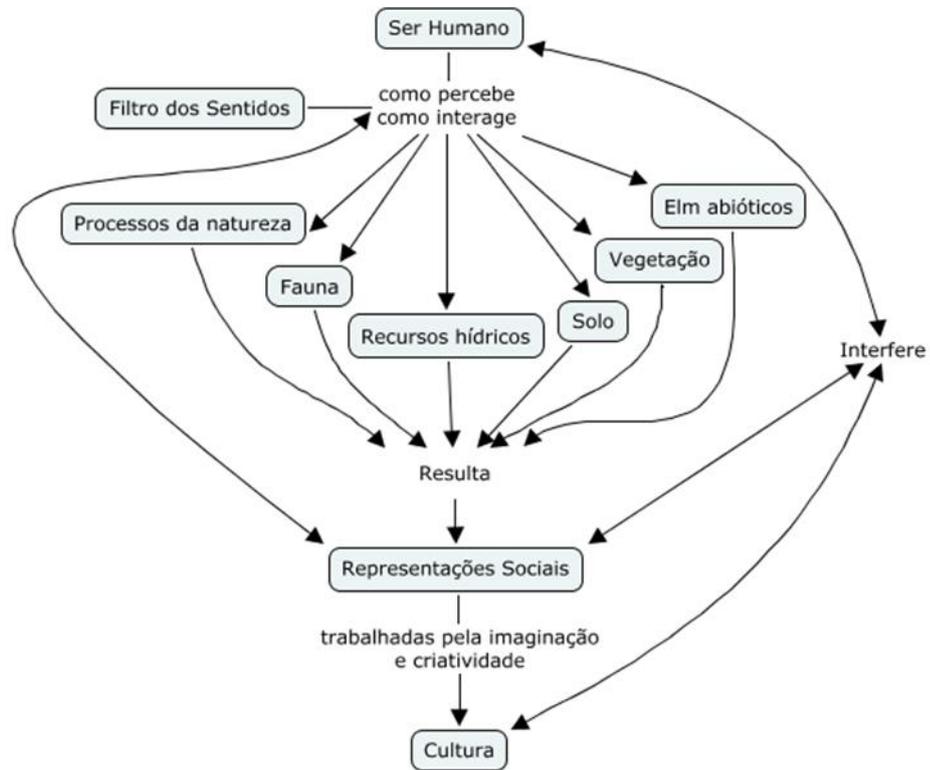
PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; Análise crítica do discurso e teorias culturais: hibridismo necessário. **DELTA**, 21. 2005.

PILLAR, V. P. P.; MULLER, S. C.; CASTILHOS, Z. M. S.; JACQUES, A. V. A. (Editores). **Campos Sulinos: conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: MMA. 2009.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. Editora Cortez. 5ª Ed. São Paulo. 2002.

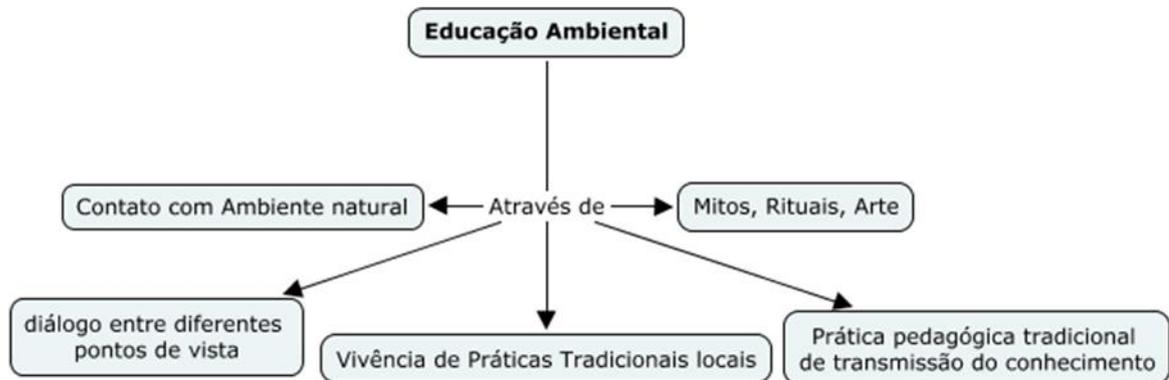
SOARES, M. Semiologia da cultura material: lendo signos e representações sociais a partir dos objetos. **Domínios de Linguagem** IV. 2004.

APÊNDICE A – Mapa conceitual da construção da cultura a partir da percepção e interação com o meio, influenciada pela própria cultura, pela criatividade e imaginação



Fonte: Autor.

APÊNDICE B – Proposta de Sistema de Educação Ambiental



Fonte: Autor.

APÊNDICE C – Categorias Primárias e Secundárias

1. Fauna
1.1. Admiração
1.2. Fase ontogenética
1.3. Reprodução/ciclos
1.4. Espécies (descrição, citação)
1.5. Comportamento/comparação
1.6. Interações entre espécies e elementos da paisagem
2. Vegetação
2.1. Ciclo
2.2. Floração/reprodução
2.3. Manejo
2.4. Elemento da paisagem
2.5. Espécies/tipo vegetal/parte vegetal
3. Menção a elemento abiótico da paisagem
3.1. Construído pelo homem
3.2. Elemento natural
4. Recursos Hídricos
4.1. Rios
4.2. Lagos
4.3. Sangas
4.4. Sereno, chuva, geada
4.5. Nascente, olho d'água, cacimba, manancial
4.6. Água (genérico)
5. Processos naturais
5.1. Descrição
5.2. Estações/ciclo/tempo
5.3. Mudanças/passado
6. Relações e práticas sociais
6.1. Entre seres humanos
6.2. Entre seres humanos e ambiente natural
6.3. Entre seres humanos e ambiente construído
6.4. Entre seres humanos e animais
7. Elementos culturais
7.1. Regras e comportamento tradicional/Artefatos de manejo
7.2. Folclore/música/dança/rituais
8. Preservação/percepção ambiental e cultural
8.1. Devir do ser humano
8.2. Elemento natural/da paisagem
8.3. Ser humano moderno
8.4. Ações antrópicas positivas
8.5. Ações antrópicas negativas

APÊNDICE D - Letras das faixas categorizadas

1. Paisagens Perdidas

A tarde recolhe o manto(71; 52),
 carqueja (25) e caraguatá (25);
 na corticeira (25) um sabiá (15) (26)
 floreia o último canto! (52)
 Alargando o gargarejo ,
 da sanga que se desmancha (43;41),
 há um eco pedindo cancha
 no primitivo falquejo! (73)

A lua nasce num beijo,
 prateando o lombo do cerro (32; 51)
 e um grilo acorda um cincerro (71),
 do meu retiro de andejo (73)!

Paisagens de campo e alma (32;24)
 perdidas no vem e vai (52),
 soluços do Uruguai (41)
 que bebe lua e se acalma (41):
 a noite passa à mão salva (52),
 com ela vem a saudade,
 olfateando a claridade (53)
 das brasas da Estrela D'Alva! (32)

Nascem rugas no semblante,
 paisagens da natureza (32)
 que a força da correnteza (41)
 não pode levar por diante; (53)
 então exige que eu cante (73)
 quando me encontro desperto,
 mas sempre que chego perto
 meu sonho está mais distante (81)!

Paisagens de sombra e luz, (31;32)
 como é que pude perdê-las? (81)
 Ficaram as 5 estrelas (32)
 fazendo o " sinal da cruz "!(82)

2. Payada das Primaveras

É um manancial de alegria (45)
 A inspiração que extravaza
 Quando a gente dá "ô de casa" (61)
 Pra escutar um "buenos dias"

Cincerros de melodias
 Que sobe na atmosfera
 Depois tudo se entrevera

Num soluço de beleza
 Pra saudar a natureza
 Vestida de Primavera (32)

É o quadro vivo mais lindo
 Que enternecido contemplo
 O varzedo é todo um templo (24)
 Cheio de vida Surgindo

flores do campo se abrindo (22)
 Quando tudo se alvoroça
 O bicharedoretoça (15)
 Em barbarescos namoros (13)
 O próprio berro dos touros (14;15)
 Parece até que se adoça

Quadro de todos os anos (52)
 A gente anseia revelo
 Até os guachos do sinuelo (14;15)
 Parecem mais araganos
 Há fogo em nossos tutanos
 Na misteriosa mudança (53)

É o tempo em eterna dança (52)
 Que nos empurra pra diante
 E a saudade mais distante
 Volta a queimar na lembrança

O lindo capim mimoso (25)
 Prossegue o rodízio eterno (21)
 De se queimar no inverno (52)
 Pra renascer mais viçoso

No ciclo maravilhoso (52)
 Da tábua das estações
 Peixes pulam nos lagões (14;15)
 E os pássaros payadores (14)
 Misturam trinos e cores
 Entre as crinas dos capões (16)

Parece que se desata
 O toque dos elementos
 Trazendo na voz dos ventos
 Um eco de serenata

Até a chilena de prata (71)
 Retira e mais patacuera
 Na melodia campeira (72)
 Que se faz cancha no espaço
 Como marcando o compasso

Junto ao sabiá-laranjeira (14)

Há tanta autenticidade
Nas vozes da natureza
Que resumem a beleza
Da própria simplicidade

A estação não tem idade (52)
Dela não há quem se esconda
Tudo se ajeita, arredonda
Tudo renasce, se agita
Na clarinada bonita
Da Primavera que ronda (52)

As aves cantam mais cedo (14)
E os cuchinchos mais a miúde
Nessa sinfonia rude
De céu, vento e arvoredos (32)
Há um misterioso segredo
Terneiro berra mais grosso (14;15)
Potrilho arqueia o pescoço (14)
No milenar evangelho

O moço fica mais velho (52;53)
O velho fica mais moço
O sangue anda mais depressa
Nas artérias e nas veias
Arrebentando maneias
Da vida que recomeça (52)

Não há barreira que impeça
O tempo que se arremanga (52)
Floresce o pé de Pitanga (25;22)
Branqueando num desafio
E se acorda mais macio
O bordoneio da sanga (43)

Mas não só nos descampados (32)
A Primavera incêndea (52)
Ela se enfeita e passeia
Nas vilas e nos povoados (31)
Nos ambientes asfaltados (31)
Cidades e capitais (31)
Pombas, bem-te-vi's, pardais (14;14;14)
em melodiosos arrulhos
Repetem doces barulhos (13)
De tempos imemoriais
(53)
Nas ruas e nas calçadas (31;63)
A infância e a juventude (12)

Que não há força que mude
 Desfilam entreveradas
 E as paysanas encantadas
 Xiruas respiram fundo
 Vibrando cada segundo (52)
 Sentindo cada minuto (52)
 O domínio absoluto
 Que tem da gente e do mundo

E o homem defronte a isso (83)
 Até parece impossível
 Vai se tornando insensível (85)
 Por força de algum feitiço
 É um criminoso, um omissos (85)
 Da forma mais inconsciente (85)
 Gente que já não é gente (83)
 buscando outra trajetória (81)
 Depois da triste vitória
 De matar o meio ambiente

Será tão empedernido?! (85)
 Que não veja quando cruza
 Dois cerros contra uma blusa (32)
 Dum poema recém vestido
 Ou não lhe adoce o ouvido
 Insensível, deformado
 O concerto aveludado
 De uma calandria selvagem (14)
 Vestindo nova roupagem (13)
 De bico recém pintado (13)

Eu pergunto, de que adianta
 Plantar um pé de erva-mate (25)
 Como sinal de combate
 Em defesa de uma planta
 Se a mesma mão que levanta
 Nessas considerações
 É que assina conceções
 Num inconsciente floreio (85)
 Aos assassinos do meio (85)
 Que fazem devastações (85)

Falta ainda muito pro resto
 Mas em tempo me concentro
 Entrar primavera a dentro (52)
 Não da força ao meu protesto
 Vale a homenagem que presto
 A todos os índios cueras
 Que lutam contra as taperas (84)
 e contra as destruições

A eles minhas canções
Vestidas de Primavera (52)

3. Mangueira de Pedra

Velha mangueira crioula, (71;31)
Curral de pedra empilhada (71;31)
Que até o pastor da manada (64;)
Bombeia com desconfiança, (63)
Ficaste como lembrança
Da infância desta querência
Guardando a mesma inocência
Dos brinquedos de criança.

Dizem que foi o Jesuítã
Que te ergueu nas solidões,(31;63;84)
Da fronteira, das missões,
Do litoral e da serra
Para que fosses a encerra
Das primitivas tambeiras
E das éguas coborteiras (14;15;16)
Mais livre que a própria terra. (32)

E te plantaram no campo (32;24),
Com metro e meio de altura,
Meia braça de largura,
Redonda ou de cantoneira,
Quatro varas nas porteiras (71),
Roliças e descascadas
Como lanças encrevadas (71)
Nos buracos das tronqueiras.(31;71)

E ali no aberto, aprumada,
-Remendo nassesmaria- (?)
Te ermanaste em serventia
Ao laço e a boleadeira, (71,71)
Qual outra nota campeira
Da nova sociologia.
Prenunciando a trilogia
Galpão, Rodeio e Mangueira.(31;63;31;72)

Depois, ao berrar do gado (14;15),
E ao relinchar da tropilha (14;15),
Viste surgir na coxilha (32)
O casarão empedrado (31)
E o vulto desentonado
Do galpão de frente aberta (31),
Com santa-fé na coberta (72)
Qual um bugre empenachado. (61)

Era o Galpão do Rio Grande (31),
 Era a estância que surgia. (31)
 Vertente da economia (61)
 Do Brasil Meridional
 Como um abraço cordial
 Aberto com natureza
 Exprimindo a singeleza
 Do velho pago natal.

E se o galpão foi o templo (31)
 Da xucra democracia (71)
 Tu foste a arena bravia
 Onde gladiadores novos (83)
 Perpetuaram os corcovos
 Uma epopéia sem fim,
 Pra que o teu rude clarim (71)
 Fosse ouvido noutros povos.

E na estranha sinfonia
 De corcovo e de guascaço (15),
 De berro e tiro de laço (64;72)
 Dos monarcas dos galpões (31),
 Nas domas e marcações, (72;64)
 Junto ao fogão da amizade (71)
 Foste, o traço da igualdade
 Entre a indiada e os patrões (61).

E tiveste teus heróis,
 Velha mangueira retaca (32),
 Desde o piá de botar vaca (62;63;64),
 Mártir do poema campeiro, (72;24)
 Até o chirupatacoeiro,
 Que para enlevo das chinas
 Fazia rédeas das crinas (64)
 Do potro mais culmilhudo (14).

O tempo foi-se passando (52)
 Modificou-se a querência, (53)
 Mas tu não perdeste a essência,
 Pois mesmo de varejão (23;31),
 E até mesmo de listão
 Com tronco, seringa e brete (23;71;31),
 O teu vulto ainda reflete
 A infância do nosso chão (81).

Aos próprios irracionais (16)
 Emprestas calor e afeto, (82)
 Pois mesmo aberta e sem teto,
 És, vivenda hospitaleira,
 E a vaca que foi tambeira (14;12;15),

Fica por ti, enfeitçada, (64)
 Passa o dia na internada (16)
 Mas vem dormir na mangueira.

Ao evocar-te, mangueira, (32)
 Volto a piaçito pequeno,
 Pés molhados de sereno, (44)
 E ás vezes duros de geada, (44)
 Campeando vaca extraviada, (14;64)
 Choramingando de nojo,
 Pra depois beber apoio
 Com gosto de madrugada.

Por isso não admira,
 Mangueira de minha infância, (32)
 Que a este pobre piá de estância (32)
 Tu significa tanto,
 Como tu, sequei meu pranto
 Mas continuo aporreado
 Até ser emangueirado (63)
 Na encerra do Campo Santo. (31;81)

4. Meu Canto

Meu canto não conhece desencanto (72)
 vem peleando a tanto tempo
 mas não cansa de pelear
 hoje já se ouve a ressonância
 dessa voz de peão de estância
 conquistando seu lugar
 meu canto, se quiser eu te ofereço (72)
 pois ninguém me bota preço
 quando não quero cantar
 meu canto, companheiro, não se iluda
 É como um cavalo de muda (14)
 que cansou de cabrestear (15)

meu canto tem cheiro de terra e pampa (72;24)
 É um andejo que se acampa
 tendo o mundo por galpão (31)
 grita pra que o mundo inteiro ouça
 É raiz de muita força
 rebrotando deste chão

meu canto, não é mágoa, não é pranto (72)
 nem passado, nem futuro,
 que o presente é mais verdade
 hoje o amanhã não me fascina
 tenho o ontem que me ensina
 mas não vivo de saudade

canto nesta terra onde me planto (72;23)
 mas não pise no meu poncho (71)
 que eu empaco e me boleio
 canto pra pedir mais igualdade (72;84)
 quem não gosta da verdade (85)
 que se aparte do rodeio (72)

meu canto tem cheiro de terra e pampa (72;24)
 É um andejo que se acampa
 tendo o mundo por galpão (31)
 grita pra que o mundo inteiro ouça
 É raiz de muita força
 rebrotando deste chão

canto, e minha voz quando levanto (72)
 não traz ódio nem maldade (85)
 coisas que não sei sentir
 não que seja mais que qualquer outro
 nem mais taura, nem mais potro, (14)
 se disser eu vou mentir
 peço pra quem julga e dá conceito (85)
 que esqueça o preconceito
 e me aceite como sou
 manso como água de cacimba, (45)
 mas palanque que não timbra (71)
 porque o tempo enraizou (52)

5. Do tempo

O tempo vai repontando
 O meu destino pagão (81)
 Vou tentando o chimarrão (71)
 Da madrugada clareando (51)
 Enquanto escuto estralando
 O velho brasedovivo (82)
 Nesse ritual primitivo (72)
 Sempre esperando, esperando...

É a sina do tapejara (81)
 Nós somos herdeiros dela
 Bombear a barra amarela (71)
 Do dia quando se aclara (51)
 Sentir que a mente dispara
 Nos rumos que o tempo traça (81)
 Eu me tapo de fumaça
 E olho o tempo veterano (51)
 Entra ano e passa ano (52)
 Ele fica a gente passa (81)

Que viu o tempo passar (52)

Há muita gente que pensa
 Mas é grande a diferença
 Ele não sai do lugar
 A gente que vive a andar (81)
 Como quem cumpre um ritual (72)
 É o destino do mortal (81)
 É o caminho dos mortais (81)
 Andar e andar nada mais
 Contra o tempo, sempre igual. (52)

Tempo é alguém que permanece (51;52)
 Misterioso impenetrável (52)
 Num outro plano imutável (72)
 Que o destino desconhece (81)
 Por isso a gente envelhece (81;53)
 Sem ver como envelheceu (81;53)
 Quando sente aconteceu
 E depois de acontecido
 Fala de um tempo perdido
 Que a rigor nunca foi seu.

Pensamento complicado
 Do índio que chimarreia (71)
 Bombeando na volta e meia
 Do presente no passado
 Depois sigo ensimesmado
 Mateando sempre na espera (71)
 O fim da estrada é a tapera (81)
 O não se sabe do eterno (72)
 Mas a esperança do inverno
 É a volta da primavera. (52)

Os sonhos são estações (52)
 Em nossa mente de humanos
 Que muitas vezes profanos (83)
 Buscamos compensações
 Na realidade as razões
 Onde encontramos saída
 Nessa carreira perdida (81)
 Que contra o tempo corremos (52)
 Já que, a rigor, não sabemos
 O que haverá além da vida. (81)

Dentro das filosofias
 Dos confúciogalponeiros
 Domadores, carreteiros (71;71)
 Que escutei nas noites frias (52)
 Acho que a fieira dos dias
 Não vale a pena contar
 E chego mesmo a pensar

Olhando o brasedo perto (71)
 Que a vida é um crédito aberto
 Que é preciso utilizar. (81)

Guardar dias pro futuro
 É sempre a grande tolice
 O juro é sempre a velhice (81)
 E de que adiante este juro
 Se ao índio mais queixo duro (15)
 O tempo amansa no assédio (52)
 Gastar é o melhor remédio
 No repecho e na descida
 Porque na conta da vida
 Não adianta saldo médio! (81)

6. Bochincho

A um bochincho - certa feita,
 Fui chegando - de curioso,
 Que o vicio - é que nem sarnoso,
 nuncapára - nem se ajeita. (15)
 Baile de gente direita
 Vi, de pronto, que não era,
 Na noite de primavera (52)
 Gaguejava a voz dum tango (72)
 E eu sou louco por fandango (72)
 Que nem pinto por quireral. (14;15)

Atei meu zaino - longito, (14)
 Num galho de guamirim, (25)
 Desde guri fui assim,
 Não brinco nem facilito.
 Em bruxas não acredito (72)
 'Pero - que las, lashay',
 Sou da costa do Uruguai, (41)
 Meu velho pago querido
 E por andar desprevenido
 Há tanto guri sem pai. (71)

No rancho de santa-fé (71),
 De pau-a-pique barreado (71),
 Num trancão de convidado
 Me entreverei no banzé.
 Chinaredo à bola-pé,
 No ambiente fumacento,
 Um candieiro, bem no centro,
 Num lusco-fusco de aurora, (51)
 Pra quem chegava de fora
 Pouco enxergava ali dentro!

Dei de mão numa tiangaça
 Que me cruzou no costado
 E já sai entreverado
 Entre a poeira e a fumaça,
 Oigalé china lindaça,
 Morena de toda a crina,
 Dessas da venta brasina,
 Com cheiro de lechiguana (14)
 Que quando ergue uma pestana
 Até a noite se ilumina (53).

Misto de diaba e de santa (72),
 Com ares de quem é dona
 E um gosto de temporona
 Que traz água na garganta (46).
 Eu me grudei na percanta
 O mesmo que um carrapato (14;15)
 E o gaiteiro era um mulato
 Que até dormindo tocava (72)
 E a gaita choramingava (71)
 Como namoro de gato! (13;14;15)

A gaita velha gemia, (71;72)
 Às vezes quase parava,
 De repente se acordava
 E num vanerão se perdia (72)
 E eu - contra a pele macia
 Daquele corpo moreno,
 Sentia o mundo pequeno,
 Bombeando cheio de enlevo
 Dois olhos - flores de trevo (22;25)
 Com respingos de sereno! (44)

Mas o que é bom se termina
 - Cumpriu-se o velho ditado, (72)
 Eu que dançava, embalado, (72)
 Nos braços doces da china
 Escutei - de relancina,
 Uma espécie de relincho, (15)
 Era o dono do bochincho,
 Meio oitavado num canto,
 Que me olhava - com espanto,
 Mais sério do que um capincho! (14)

E foi ele que se veio,
 Pois era dele a pinguancha,
 Bufando e abrindo cancha (72)
 Como dono de rodeio.
 Quis me partir pelo meio
 Num talonaço de adaga (71)

Que - se me pega - me estraga,
 Chegou levantar um cisco,
 Mas não é a toa - chomisco!
 Que sou de São Luiz Gonzaga!

Meio na volta do braço
 Consegui tirar o talho
 E quase que me atrapalho
 Porque havia pouco espaço,
 Mas senti o calor do aço
 E o calor do aço arde,
 Me levantei - sem alarde,
 Por causa do desaforo
 E soltei meu marca touro (14)
 Num medonho buenas-tarde!

Tenho visto coisa feia,
 Tenho visto judiaria,
 Mas ainda hoje me arrepiá
 Lembrar aquela peleia,
 Talvez quem ouça - não creia,
 Mas vi brotar no pescoço,
 Do índio do berro grosso (15)
 Como uma cinta vermelha
 E desde o beijo até a orelha
 Ficou relampeando o osso!

O índio era um índio touro, (14)
 Mas até touro se ajoelha, (14)
 Cortado do beijo a orelha
 Amontoou-se como um couro
 E aquilo foi um estouro,
 Daqueles que dava medo,
 Espantou-se o chinaredo
 E amigos - foi uma zoadá,
 Parecia até uma eguada (14;15)
 Disparando num varzedo! (24)

Não há quem pinte o retrato
 Dum bochincho - quando estoura,
 Tinidos de adaga – espóra (71)
 E gritos de desacato.
 Berros de quarenta e quatro
 De cada canto da sala
 E a velha gaita baguala (71)
 Num vanerãopacholento, (72)
 Fazendo acompanhamento
 Do turumbamba de bala!

É china que se escabela,

Redemoinhando na porta
 E chiru da guampa torta
 Que vem direito à janela,
 Gritando - de toda guela,
 Num berreiro alucinante,
 Índio que não se garante,
 Vendo sangue - se apavora
 E se manda - campo fora, (24)
 Levando tudo por diante!

Sou crente na divindade, (72)
 Morro quando Deus quiser, (72)
 Mas amigos - se eu disser,
 Até periga a verdade,
 Naquela barbaridade,
 De chínaredo fugindo,
 De grito e bala zunindo,
 O gaiteiro - alheio a tudo,
 Tocava um xote clinudo, (72)
 Já quase meio dormindo!

E a coisa ia indo assim,
 Balanceei a situação,
 - Já quase sem munição,
 Todos atirando em mim.
 Qual ia ser o meu fim, (81)
 Me dei conta - de repente,
 Não vou ficar pra semente, (22)
 Mas gosto de andar no mundo,
 Me esperavam na do fundo,
 Saí na Porta da frente...

E dali ganhei o mato, (24)
 Abaixo de tiroteio
 E inda escutava o floreio
 Da cordeona do mulato (71)
 E, pra encurtar o relato,
 Me bandeiei pra o outro lado,
 Cruzei o Uruguai, a nado, (41)
 Que o meu zaino era um capincho (14;14;15)
 E a história desse bochincho
 Faz parte do meu passado!

E a china - essa pergunta me é feita
 A cada vez que declamo
 É uma coisa que reclamo
 Porque não acho direita
 Considero uma desfeita
 Que compreender não consigo,
 Eu, no medonho perigo

Duma situação brasina
 Todos perguntam da china
 E ninguém se importa comigo!

E a china - eu nunca mais vi
 No meu gauderiar andejo,
 Somente em sonhos a vejo
 Em bárbaro frenesi.
 Talvez ande - por aí,
 No rodeio das alçadas, (72)
 Ou - talvez - nas madrugadas,
 Seja uma estrela chirua (32)
 Dessas - que se banha nua
 No espelho das aguadas! (41)

7. Tio Anastácio

Entre a ponte e o lajeado, na venda do bonif?cio
 conheci o tio anast?cio, negro velho j? tordilho (15)
 diz que mui quebra em potrilho, hoje pobre e despilchado (14)
 de tirador remendado num peti?odoradilho (14)

quem visse o tio anast?cio num bolicho de campanha
 golpeando um trago de canha oitavado no balc?o
 tinha bem logo a impress?o que aquele mulato s?rio
 era o rio grande gaud?rio fugindo da evolu??o (81)

a tropilha dos invernos tinha lhe dado uma estafa
 e aquela meia garrafa dentro do cano da bota
 contava a hist?ria remota do negro velho curtido
 que os anos tinham vencido sem diminuir na derrota (52;53)

mulato criado guaxo nos tempos da escravatura (53)
 aquela estranha figura na vida passara tudo
 gineta?omacanudo j? desde o primeiro berro
 sa?atran?ando o ferro no potro mais colmilhudo (14;15)

carneava uma rês num upa com toda a calma e per?cia (14)
 reservado e sem mal?cia negro de toda a confiança
 benquistado na vizinhança, dava gosto num rodeio (71)
 de pingo alçado no freio pealando de toda a trança (14;72)

tinha cruzado as fronteiras da argentina e do uruguai
 andara no paraguai pealando valentemente
 e voltara humildemente como tantos índios tacos
 que foram vingar nos chacos a honra da nossa gente

caboclo de qualidade que não corpeava uma ajuda
 na encrenca mais peleaguda sem pre conservava o tino

garrucha boca de sino carregada com amor
e um facão mais cortador do que aspa de boi brasino (15)

porém depois que os janeiros foram ficando à distância
andou de estância em estância e foi vivendo de changa (31)
repontando bois de canga castrando com muita sorte (14;64)
e em tempos de seca forte, arrastando água da sanga (52;46;43)

ficou sendo um desses índios que se encontra nos galpões (32)
e ao redor dos fogões fala aos moços com paciência
do que aprendeu na existência ao longo dos corredores
alegrias, dissabores, curtidos pela existência

tioanastácio pra aqui, tio anastácio pra lá
mandado mesmo que piá por aquela redondeza
nos remendos da pobreza entrava e passava inverno (52)
como um tronco só no cerno pelegueando a natureza (25;32)

por isso é que nos bolichos só se alegrava bebendo
como se cada remendo da velha roupa gaudéria (71)
fosse uma sangria séria por onde o sangue do pago
seesvaise trago a trago por ver tamanha miséria (81)

e até parece mentira negro velho de valor
morreste no corredor como um matungo sem dono (14;15)
não tendo neste abandono ao menos um companheiro
que te estendesse o baixeiro para o derradeiro sono (81)

e agora que estás vivendo na estância grande do céu (72)
engraxando algum sovéu pra o patrão velho buenacho
não te esquece aqui debaixo onde "a lo largo" inda existe
muitoxirú velho triste, como tu criado guaxo!
Como tu, Tio Anastácio.

8. Missioneiro

Rezo a prece inaugural (72)
dopayador das missões
que amanheceu nos fogões
sobre um couro de bagual (15)
enquanto ouvia um sorçal (15)
floreando um hino de guerra,
na melodia que encerra
a origem dos instrumentos
e o tupã - senhor dos ventos, (72)
benzia os cantos da terra!

De onde venho? - pra onde vou?
- o que não sabe - adivinha!
venho do riba da linha,

lá - onde a pátria se gerou.
 O rio Uruguai berrou (41)
 e fez que a terra se abrisse
 e dali - o guasca surgisse
 sobre o lombo do cavalo, (15)
 volteando a história de um pialo
 pra que o gaúcho existisse!

Morri - mas ressuscitei, (81)
 das cinzas da minha fé, (72)
 o sangue de São Sepé (72)
 me fez santo - eu me fiz rei: (72)
 gaúcho me transformei
 num barbaresco improviso
 e - ali no chão impreciso,
 de parceria com o vento, (32)
 sou hoje - o prolongamento,
 do chão sagrado onde piso! (72)

9. Cordeiro Guacho

Aquele cordeiro guacho (14)
 Deitado ali no baldrame
 Salvei da corvada infame (14)
 Numa tarde de garoa (44)
 Andava berrandoà – toa (15)
 Com poucos dias de idade (12)
 Pois ficara na orfandade
 E ali com toda a certeza
 Ia ser a sobremesa
 De algum corvo sem piedade. (14)

Logo que me viu coitado
 Correu direito ao cavalo (14)
 Sou índio que não me abalo
 Mas me achiquei nesse dia
 Pois o pobre parecia
 Solito ali no varzedo (24)
 Uma criança com medo (15)
 Quando se perde dos pais
 Nem bem o peguei no mais
 Ficou chupando meu dedo. (15)

Encarangado de frio
 Levei-o adiante pra o rancho (31)
 Seguido por um carancho (14)
 Que esvoaçava em mau agouro
 Depois o bico de couro
 A garrafa o leite quente
 Que ele chupou como gente (15)

Entre resmungos de choro.

Desde então esse guachinho
 É mais um filho que tenho
 E de manhã quando venho
 Chimarrear junto ao fogão (71)
 Corre a me lambar a mão (15)
 Se esfregando carinhoso
 Assim como piá mimoso (15)
 Quando nos pede benção.

Faz arte e estrepolias
 Qual o guri que não faz
 Pula pra diante e pra trás (15)
 Quando seca a mamadeira
 Entra dentro da peneira
 Onde debulho a ração
 Sobe encima do tição
 E até me vira a chaleira. (71)
 E há os que não gostam de guachos
 Porque encomodam demais
 Talvez porque tendo pais
 Nunca lhes deram valor
 Ou desconheçam a dor
 Dos que ficaram sozinhos
 E andam campeando carinhos
 Nas mendicâncias do amor.

Eu não fui criado guacho
 Graças ao deus soberano (72)
 Mamei até o sobre -ano
 Sem misérias nem surpresas
 Porém conheço as tristezas
 Dos guachos sem lar nem teto
 E sei que a fome de afeto
 É a mais cruel das pobrezaas.

E é por ter pena dos outros
 Que andam solitos na terra
 Que quando esse guacho berra (15)
 Meu peito xucro se amança
 Pois eu sinto na confiança
 Que inspiro ao pobre borrego (14)
 O mesmo anseio de aconchego
 Que tive quando criança.

10. De primeiro

Qual um pagé missioneiro
 Dos Sete Povos- me ajoelho,

Marcando no chão vermelho (32)
 Meu brasão de feiticeiro, (72)
 Janeiro, atrás de janeiro, (52)
 Venho vindo- com paciência,
 Mas agora estaquerência
 Não é como “de primeiro”. (53)

“ De primeiro” eu era piá (53)
 que apenas engatinhava,
 mesmo assim, não me assustava
 com fogo de boitatá (72)
 e, crescendo, ao Deus dará, (72)
 No instinto de viver,
 Desfrutava sem saber,
 Tudo o que a infância nos dá.

“De primeiro”- era bom, (53)
 nos comércios de carreira,
 no lombo da perelheira
 já desde o prender o grito,
 taloneando, despacito,
 pra honrar o sangue e o braço
 e, cruzar no fim do laço,
 rebenque erguido, solito.

De primeiro- era faceiro,
 Preferido das xiruas,
 Andava arrastando as puas
 Num trancão de patacoeiro
 Sem rumo nem paradeiro,
 Cruzando de ponta a ponta
 E, só agora me dou conta:
 Como era bom”de primeiro”. (53)

De primeiro- era pavena
 Nos bastos me fiz tihoso, (71)
 Se o quebra arrastava o toso
 Lo charqueava de chilena
 E, quando valia a pena,
 Por um beijo e um abraço
 Levava até manotaço
 De muita tigra morena...

De primeiro”- sempre ouvindo
 Da boca dos mateadores
 Sobre passados amores (53)
 Ou de tempos sumindo, (52)
 Os andejos repetindo
 Antigas evocações,
 Peleias- revoluções,

“De primeiro” é que era lindo! (53)

Eu fico a pensar, parceiro,
 Hoje, sou tronco e raiz, (25;25)
 No Rio Grande, o meu país,
 Que teima em ser brasileiro;
 Amansou-se o caborteiro
 Com crina de gavião mouro, (14;15)
 Já não existe índio touro (14)
 Como havia, “de primeiro”...

11. Alma Pampa

Quem te batizou milonga, decerto foi algum monge
 Que escutou de muito longe o teu murmúrio de sanga (43)
 Ou quem sabe alguma changa, dormideira nos arreios
 Dessas que fazem ponteios com unhas de japecanga (25)
 Dessas que fazem ponteios com unhas de japecanga (25)

Ou quem sabe algum sorsal, de topete colorado (14)
 Num prelúdio abarbarado das canas do taquaral (25)
 Talvez quem sabe um bagual corcoveando num repecho (14)
 Floreando as cordas do queixo nas pontas do pastíçal

Brasileira, castelhana, milonga ronco de mate
 Tu nasceste do embate da velha saga pampeana
 Espanhola, lusitana, entre patriadas e domas
 Sem divisas, sem diplomas, cursando o mesmo dialeto
 Porque o vento analfabeto fala em todos idiomas (51)

Quem sabe talvez a lança, riscando a primeira linha (71)
 Quando a adaga se embainha, cadenciava uma romanza
 Ou talvez a vaca mansa, dentro da várzea perdida (14;15;16)
 Na ternura enrouquecida, feito instinto e lamento
 Anunciando o nascimento da cria recém lambida

Por isso em qualquer fronteira, no esboço da lonjura
 És a mais linda mistura da nobre estirpe campeira (32)
 Fidalga e aventureira, com geografia na cara
 Passaporte tapejara, no caminho dos andejos
 Reculutando solfejos que uma linha não separa

Alma de pampa e semente que nasceu nos dois costados (72;32;25)
 Herança dos mal domados que formaram nossa gente
 O passado e o presente e o futuro dimensionas
 Nas primas e nas bordonas do garrão do continente
 Nas primas e nas bordonas do garrão do continente
 Nas primas e nas bordonas do garrão do continente

12. Payada do Laçador

Campeiro de fato saía pechando um brasino por conta (15)
 Na costa do mato encurtava distância com a rês n'outra ponta (14)
 Na força do braço estendendo a trança se armava o destino (71)
 Cinchava no laço deixava a presilha mandar no brasino (71)

Faz tempo trouxeram o velho parceiro de lida da estância
 Que ao passo dos anos buscava comigo nos campos do fundo (32;24)
 Erguendo no bronze pros olhos do povo que lira a distancia
 Deixaram solito um gaúcho de a pé buscando o seu mundo

Se um dia erguesse até mesmo de barro uma outra imagem
 Trouxesse a querencia, o cusco e o cavalo de laço nos tentos (14;14;71)
 Um largo sombreiro pra o sol veraneiro clareando a paisagem (25;32)
 E um poncho pra o dia que tapa invernias do agosto com vento (52)

Do lombo do mouro quadrava o corpo do trono do arreio (14;71)
 Do golpe do estouro trocava de ponta um boi no rodeio (14;72)
 Mas cuida do pago na boca da grota não arma um pealo
 Lamento que eu trago se um malo dispara lhe falta o cavalo (14)

Faz tempo um brasino de sina torena tenteando a picada(14)
 Negou-se da tropa firmando galope cruzando fiador (15;71)
 E o rumo da trança que traz num galope ganhou a invernada (71;15)
 E por bem montado num tiro certo se fez laçador (71)

É cria do campo benzido na hora em que apeava a garoa (12;32;44)
 Na hora da encilha bem quando a querência prendia-lhe o grito
 Talvez por saudade bombeia a cidade que o tempo encordoa (52)
 Tentando entender porque lhe trouxeram do campo solito (32)

Se um dia erguesse até mesmo de barro uma outra imagem
 Trouxesse a querencia, o cusco e o cavalo de laço nos tentos (14;14;71)
 Um largo sombreiro pra o sol veraneiro clareando a paisagem (25;32)
 E um poncho pra o dia que tapa invernias do agosto com vento (52)

Campeiro de fato saía pechando o brasino por conta... (14)

13. Chimarrão do Estrivo

Mate do estrivo bendito, (71;71)
 Amargo que a gente chupa, (71)
 Já de poncho na garupa
 Para a tropeada do mundo,
 Algum mistério profundo
 Te revirou do avesso,
 Porque és doce no começo
 E tão amargo no fundo!

Quantas vezes te chupei (71)

Junto ao cavalo encilhado, (14)
 Tendo a china no costado (61)
 Tristonha na despedida, (61)
 Sem pensar - velha bebida! – (71)
 Que ao te golpear sem reбуços,
 Ia bebendo os soluços
 Daquela prenda querida!

Velho mate carinhoso, (71)
 Encilhado de erva mansa, (25)
 Quando uma china te alcança,
 Olhando quieta pra gente,
 Deve pensar, certamente,
 Que depois de um beijo longo,
 O adeus é como o porongo (25)
 Que fica frio de repente!

Mil vezes te amanunciei,
 No pingo meio oitavado, (14)
 Entre um pedido, um recado,
 De uma mana ou de uma prenda...
 Pois sempre alguém recomenda
 Quando a gente é meio novo
 Que não se meta em retovo
 Junto aos gaudérios da venda! (61)

E depois quando apartei-me
 Do Pago, campeando a sorte,
 Eu te chupei, mate forte, (71)
 Bem junto do parapeito,
 E fui saindo, sem jeito,
 Dando rédeas ao gateado, (14)
 Mas te guardarei bem cevado
 No porongo de meu peito! (25)

Decerto é por isso mesmo
 Que quando evoco a Querência
 Eu te sinto, com violência,
 Nas veias em atropelo,
 E até me ouriça o cabelo.
 Pois do meu ser primitivo,
 Aquele mate do estrivo (71;71)
 Foi o último sinuelo!

E ao bom Deus que é rio-grandense (72)
 Sempre peço, enquanto vivo,
 Um chimarrão para o estrivo (71;71)
 Quando chegar o meu fim. (81)
 E se Ele quiser assim, (72)
 Vá destacando uma china

Que lá na Estância Divina (72)
Prepare o mate pra mim! (71)

14. Meu Pedido

Se me fosse concedido
pelo Senhor Onipotente (72)
que eu escolhesse um presente,
algo de grande e querido,
o meu supremo pedido
seria voltar distância
à primeira ignorância,
mais doce do que uma flor (24)
eu pediria ao Senhor (72)
que me devolvesse a infância! (53)

Eu não queria dinheiro,
nem fortuna – nem saúde,
mas aquela alminha rude
depiazito missioneiro
ao pé do fogão campeiro
do velho pago avoengo,
ouvindo o vento andarengo,
senhor do tempo e caminho, (72;52)
contando – devagarzinho,
histórias do diabo rengo... (72)

Sentindo a fumaça crua
que faz chorar de brinquedo,
meio arrepiado de medo
dos duendes da pampa nua, (72;32)
e o beijo da mãe charrua
mais doce que um caramelo,
naquele doce desvelo
que de ternura se esvai
e a mão amiga do pai
me esparramando o cabelo!

15. Heranças

Está chovendo, (44)
eu mateio, (72)
do meu fogão de espinilho; (71)
alargo a mente
de xiru andarilho
e me perco a memoriar,
deadonde veio,
essa ansiedade xucra,
de mudar de trilho,
e essa tendência braba,

de bandear rio cheio! (41)

Está chorando a cordeona, (72)
nos baixos e nas hileras,
e o mate amargo me fala (71)
de fronteiras,
de lanças, (71)
de clarins e de choronas, (71)
no meu destino de guardião, (81)
dessas bandeiras
que foram glória
das querências chimarronas!

Meu pingo está relinchando (14;15)
e se agrandam as retinas,
das inquietudes de xiru,
brasinas, (14)
quando se lembra
que viveu peleando,
de parceria
com esse irmão de clinas,
hoje um pretexto
pra morrer cantando! (81)

Pingo - cordeona e chuva, (14;71;44)
três heranças,
que não têm dono,
nem sinal,
nem marca,
nem pátria,
nem querência - nem comarca,
mas são meus fletes
de tropear lembranças!!

1. Fauna (citações e observações comportamentais)	15	15	14	14	15	15	15	15	14	14	14	15	14	-	14	
	13		15	15		14	14	15	14	15	14	14	14		15	
	14		16	14		15	14	15	15	14	14	14	14		14	
	15		14			14	14				15	14			14	
	14		15			14	15				16	14			14	
	15		14			14	14					14			14	
	14		15			15	14					14			14	
	15		15			13	15					14			14	
	14		14			14	14					15			14	
	16		16			15	14					12			14	
	14		14			15	15					14			14	
	14		12			14						14			14	
	14		15			14						14			14	
	15		16			15						14			14	
	14		14													
	14															
	13															
	12															
	14															
	13															
13																
2. Vegetação (citações e observações)	24	25	24	24	-	25	25	-	24	25	25	24	25	24	-	
	22	25	24	23		22				25	25	25	25			
	25	25	23	24		25					25	25	25			
	21	26	23			24										
	25	24				22										
	22					24										
	25															
3. Menção a elemento abiótico da paisagem	32	32	31	31	-	32	31	32	31	32	32	32	-	32	-	
	32	32	31	31			32				32	32				
	32	32	31				32					32				
	31	32	32									32				
	31	31	32									32				
	31	32	31													
	31	32	32													
	32		32													
			32													
			31													
			31													
			31													
			32													
			31													
			32													
			32													
			32													
		31														
4. Recursos hídricos	45	43	44	45	-	41	46	41	44	-	43	44	-	-	44	
	43	41	44			46	43								41	
		41				44									44	
		41				41									44	
5. Processos naturais	52	52	52	52	51	52	53	-	-	52	51	52	-	53	-	
	53	52	53		51	51	53			53		52		52		
	52	52			51	53	53			53		52				
	52	51			52		52			53						
	52	52			52		52			53						

